

Entrevista realizada no dia 30 de outubro de 2001 com a professora Maria Reis.

Depoimento:

A professora Maria Reis é oriunda de Morrinhos, estado de Goiás, onde foi professora. Veio para Brasília acompanhando o marido, que recebeu um convite de trabalho em um escritório de terraplanagem. Sua inserção no sistema de ensino de Brasília deu-se através de uma carta enviada ao professor Dr. Ernesto Silva. Foi chamada a realizar uma entrevista com a professora Santa Soier e submetida a uma aula prática. A professora Santa Soier era coordenadora geral. Isso se deu quando a educação estava vinculada à Novacap.

A professora Maria Reis trabalhou, inicialmente, em uma escola construída no acampamento da Coenge – uma empresa de engenharia - para filhos de operários da construção civil. Ela executava serviços que iam desde a direção da escola até trabalhos de limpeza e conservação. A escola atendia em torno de 84 alunos, à época.

Havia uma rivalidade entre os professores do ensino médio e primário, segundo a entrevistada.

Anteriormente à fundação de Brasília, a área da educação não sofria interferência política: as pessoas eram escolhidas por critérios estritamente pedagógicos, pela necessidade e competência. Depois, com a inauguração da cidade, a influência política esteve presente nas questões educacionais.

Quanto à valorização do professor, a classe era maltratada pelo governo; não havia, por exemplo, o auxílio transporte.

As professoras contratadas eram distribuídas nas escolas de acordo com as notas obtidas no concurso de seleção em âmbito nacional.

A escolha de diretores era feita mediante indicação dos grupos que integravam a coordenação.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
PROFESSOR ERASTO FONTES
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA
DATA: 09/10/02
TRANSCRITORA: ELZA GABRIELA GODINHO MIRANDA (ANPAE)

ENTREVISTADA: Professora Maria Reis Canêdo

*“Entrevista com a Professora Maria Reis.
Na sua residência, 712 Sul, Bloco O, casa 25.
Dia 30 de outubro de 2001, terça-feira, manhã, 10 horas.*

Eu já tenho o registro aqui da Senhora, na fita, Eu queria em primeiro lugar perguntar a Sra., sua vinda aqui pra Brasília foi uma vinda que se deu em função do seu trabalho na educação ou a Sra. veio por outra razão, pra vir com família, constituiu família aqui? Enfim, contar um pouquinho da vida da Sra., na vinda pra Brasília, pra cá, pra que a gente possa ter um pouco melhor a noção da Senhora como pessoa.

Maria Reis – Certo. Não, a minha vinda foi o seguinte: o meu esposo, nós morávamos em Morrinhos, e lá eu era professora e ele era bancário. Depois fomos pra Goiânia, e lá eu continuei trabalhando em escola, né, como professora. Mas aí o meu marido foi convidado para assumir a direção de um escritório de terraplanagem aqui em Brasília, né? Ficava ali perto da base aérea, do acampamento da CONANGE. Ele foi convidado e então veio pra conhecer, veio assumir tudo. Então, eu precisava vir com ele, com os filhos, né, vir a família toda. Aí ele fez um contato, sabe, pra saber como é que eu poderia vir como professora. Aí me indicaram a professora Santa, ele a procurou e a Dona Santa, então, informou tudo direitinho, que teria que fazer uma carta para o doutor Ernesto, que era através dele que a gente conseguia. E assim foi feito. Eu fiz a carta e ele trouxe, entregou aí e nós fomos lá entregar para o Dr. Ernesto, e então, e isso foi dessa forma, sabe? Aí com a aprovação - agora só que: a gente fazia a carta, mas depois tinha um teste que era feito lá naquela escola Núcleo Júlia Kubitschek, antes do, quer dizer, depois da inauguração houve um concurso público onde Márcia prestou nesse concurso. Agora, nós, antigos, não tivemos esse, não fizemos esse concurso, mas tinha aula prática. Então eu, inclusive naquele escrito eu coloquei, né, quando eu fazia, que a gente não tinha condição, era muito difícil, andava léguas e léguas a pé. Eu ia lá na TERRACAP a pé, voltava pro acampamento, sabe? Mas foi o tempo mais gostoso de Brasília (risos), foi mesmo. Mas foi muito bom mesmo. Então aí, fizemos esses contatos e viemos. Eu vim em março com meu esposo e ele começou a trabalhar aqui em 58, parece que em setembro, eu não me lembro bem a época, mas foi essa época. Ele assumiu o escritório, então ele vinha e voltava, sabe? Mas em março de 59 viemos a família toda. Já no dia seguinte da minha estadia aqui, eu já sai, percorrendo as casas já pra fazer matrícula. Que eu já tinha, já que ele tinha feito contato com a D. Santa, ela tinha passado pra ele todas as informações. Então eu fui fazendo as matrículas e aí começamos uma escolinha. Construíram ligeiramente uma escola, os engenheiros lá, das

duas empresas a ENGEMAQ e a CCBE, fizeram, construíram a escolinha. Por sinal é uma pena que não ficou pó dessa... Eu tenho a impressão, pode ser que alguém deles tenha, né? Não sei. Mas foi uma pena, né? Uma escolinha bonitinha, não é? Ela tinha um tablado grande, né, onde ficava mesa, tinha, no fundo assim depois tinha a secretaria, armário, era tudo muito ajeitadinho...

Essa escola era de acampamento?

Maria Reis – Acampamento.

Ou foi de construção?

Maria Reis – Ficava entre, ficava entre o acampamento da COENGE e da CCBE.

Onde é hoje... O quê?

Maria Reis – Onde é hoje... *Seguindo ali o balão do aeroporto... o Otarcílio é quem vai saber, é...* Olha, por que tem o balão do aeroporto, né?

o Otarcílio é quem sabe.

Terceira Pessoa – É nas proximidades...

Na região do aeroporto...

Maria Reis – ~~Mas, mas, mas~~ andando um pouco ali...

Terceira Pessoa – Por ali, na...

Quarta Pessoa – Na base aérea.

Terceira Pessoa – Onde tem aquela igreja...

Maria Reis – Ali, no Lago Sul... Não, mas era bem pra cá...

Terceira Pessoa – Era do lado.

Maria Reis – A igreja ficava bem pra cá.

Terceira pessoa – Logo depois do... Era atrás do aeroporto.

Hum-hum. Na região do aeroporto.

Maria Reis – É, mas ela ficava mais pra cá, sabe? Ela não era...

Terceira pessoa – Era mais à esquerda do campo de pouso.

Maria Reis – É. Bem, bem mais pra baixo, sabe?

E essa escola então atendia os filhos dos operários...

Maria Reis – Dos operários.

... engenheiros...

Maria Reis – É.

...do pessoal que trabalhava nessa construção.

Maria Reis – Tudo. O pessoal que vinha. De todo o pessoal, sabe?

Sei.

Maria Reis - Então era o seguinte: quando eu vim, era só eu. ^{Eu} fiz a matrícula inicial de 83 alunos. Então, ^{eu} pensei: "Como é que eu vou montar? ^{Eu} fiz o seguinte, pela manhã, era segunda, terceira e quarta série. ^{mas} Ainda bem que era uma sala grande, né? Então fazia assim: a 2ª, a 3ª, e 4ª séries. ^{na minha} E à tarde, a turma de primeira série que era uma turma maior. Então. A escrita eu fazia à noite em casa... ^{eu} ~~e... que eu queria...~~ Ah! E a limpeza da escola, não tinha quem fizesse. ^{eu} ~~Ai eu que fazia também, sabe?~~ Eu fazia toda a limpeza. Depois foi que um engenheiro, vendo as minhas dificuldades, com muita coisa pra fazer, ^{eu} ~~que~~ falou assim: 'Não, a gente vai pagar uma de suas alunas, a senhora escolhe aí, quem queira, e a gente paga pra ela fazer a limpeza.'

(risos)

Então, ela cuidou dessa parte. ^{E eu fui} Embora que eu fui, à época, eu fui diretora e professora das quatro séries...

Secretária e faxineira...

Maria Reis – (risos) E faxineira também... Uma coisa...

Havia merenda nessa época?

Maria Reis – Não, as crianças levavam. ^E o que eu achava mais bonito é que as crianças... ^{algumas} tinha umas que moravam no acampamento, ^{outras} outras que moravam ^{em} casas separadas, né? Chegava, construía seu barracozinho ali, e ^{trabalhando} trabalhando. E quando eles iam pra escola, eles passavam na minha casa pra ^a gente ir tudo junto. Uns me levavam florzinhas, que eles colhiam no caminho, ^{sabe?} Aquelas florzinhas de cerrado. Outros, gabirola, essas frutas do cerrado, ^{me} me levavam, ^{sabe?} Até conto a história aqui, que ^{um} dia um muito brincalhão, encontrou uma cobra, matou a cobra e enrolou na maçaneta da porta...(risos)

(risos) Da escola?

Maria Reis – ...É, e ^{ia} ~~ya~~ aquele bando de aluno, ^{de} me buscar. ^{Eu} ~~Ai, fomos.~~ E a gente vai cantando, ^{já} cantando, contando as histórias, ^{sabe?} E lá chegando, me distraíram e eu fui, ^{histórias,}

com a mão ^a pra abrir (risos), ~~sabe?~~ Quando eu ^{deu} vou com a mão, eu ^{deu} deu um grito! Um escândalo (risos), ~~sabe?!~~ Ai, ele contou, ~~sabe?~~ 'Ó, fui eu professora, foi uma brincadeira, a senhora desculpa!', ~~sabe?~~ Ai eu aproveitei, ~~então~~, esse tema ^a pra poder dar uma aula sobre os anfíbios. (risos)

(risos)

Maria Reis – Eu toda vida, como professora, eu ^{sempre gostei} gostava muito de aproveitar oportunidades, ~~sabe?~~ Surgiu uma coisa assim, ~~sabe?~~ Ai aproveitava.

Pois é, a Sra. ^{eu} tá falando numa questão que é curricular, ~~né?~~

Maria Reis – É.

E existia alguma orientação aos professores nessa época ou os professores... 'que se virassem' - vamos dizer assim?

Maria Reis – Não, ^{havia} tinha sim.

^{havia} Tinha uma orientação?

Maria Reis – ^é A professora Santa, a gente... ela... ^{ela} Como era tudo muito distante, ^o O que ela fazia? Ela nos visitava, ela ia, tinha um jipe, e D. Santa ia lá nos visitar, ^{ela} se ^{havia} tinha algum problema, ela dava toda a orientação ^é depois a Carmélia, em 60 veio a Carmélia, lembra dela? A Carmélia foi trabalhar com D. Santa. A Carmélia veio do Nordeste, também prestou concurso, ^{na} época ^{em} que a Márcia também prestou, ^{ela} e foi trabalhar com Santa, ^{né?} Então, ^a gente, eles ^{nos} buscavam a gente. Ai... o jipe, pegava a gente, levava lá na casa da Santa, aqui na 708 – ela continua morando ^{ela} no mesmo local. A gente ia pra receber as informações, sabe?

~~Hum-hum. E essas informações... é... a D. Santa é quem era a - vamos chamar assim de - coordenadora?~~ ^{ela} A D. Santa era a ^{ela} responsável

Maria Reis – É. Ela ^{era} é da pedagogia.

Pedagógica?

Maria Reis – É. Ela ^{era} é coordenadora. Ela ^é que dava... ^{ela} A senhora sabe ^{ela} nessa fase, ^{ela} e ^{ela} ~~Nessa fase, e por outro lado, ela, a Sra. sabe se recebia orientação de algum setor? Do Nova Cap? Do Ministério da Educação, nessa época?~~

Maria Reis – Olha, eu acredito que sim. Esse detalhe eu não sei.

A Sra. não tem, ^{ela} né?

É
Maria Reis – é, não tenho. Mas eu acredito que sim. ~~E tinha também, que depois foi feito...~~
 Aquela escola, grupo escolar lá do Júlia Kubitschek, né, que a gente ia fazer rondagem. Então tinha os professores lá, tinha... Aí, tanto que teve, naquela época, eu fiquei com... muito chateada, porque uma conterrânea minha de Morrinhos veio, e que inclusive cunhada do rapaz que trouxe o Otarcílio pra trabalhar em Brasília, convidou o Otarcílio pra trabalhar. E ela era professora em Morrinhos, e veio. Fez o estágio, e depois do estágio recebia uma nota, né? Ela foi reprovada – eu fiquei com uma pena! – e ela não pode exercer, sabe? Porque era rígido, sabe? A apostila, aula prática...

É, a Sra. falou nesse...

Maria Reis – Tudo ^apra... dava uma nota.

A Sra. falou nesse sistema no início da nossa conversa.

Maria Reis – É.

Quer dizer que a forma de ingresso...

Maria Reis – De ingresso.

...dos professores nessa época era uma carta...

Maria Reis – Uma carta...ao...

...ao Dr. Ernesto, se colocando disponível para o trabalho. Aí então era feita, ~~era feita~~ uma entrevista...

Maria Reis – É. Tinha essa entrevista...

E quem fazia essa entrevista era a D. Santa?

Maria Reis – Era com D. Santa.

E depois uma aula prática?

Maria Reis – E era encaminhada lá ^{para o} pro Júlia Kubitschek, ^{para} pra fazer essa aula prática.

Uma aula prática?

Maria Reis – É.

Aí a pessoa teria que passar nesses estágios todos ^a pra então ingressar, e aí é ^{que se} assinava a carteira...

Maria Reis – É.

...de trabalho, pela Nova Cap?

Maria Reis – Pela Nova Cap, já. Era feito dessa forma.

Es, Tá certo.

Maria Reis – Foi tudo certinho! (risos) Bem certinho!

A D. Santa era a ^a diretor da escola classe Júlia Kubitschek, né? Ela atuava como coordenadora...

Terceira Pessoa – Não, acho que não.

Maria Reis – Não, a Santa não. Ela era coordenadora geral. A Estela, que já era dessa região ~~que a Estela~~ de Planaltina, né? Já falecida...
professora

Hum-hum.

Maria Reis – Mas então, a Estela foi que assumiu. ~~Que a Estela era...~~ A Santa era mais simples, sabe? E já a Estela era mais ambiciosa, lutadora. E então, a Estela conseguiu tomar o lugar de D. Santa! (risos)
professora *portuguesa Estela era...* *ela*

(risos)

Maria Reis – Eu senti, sabe? Não foi? Foi assim. Então a Estela é que ficou...

Isso ainda na fase da Nova Cap?

Maria Reis – Não.

Não. Já com a Fundação, né?

Maria Reis – Eu acredito que foi já... É, Eu acredito que foi...
sim.

Quarta Pessoa – Tô achando, mesmo.

Maria Reis – Né? Foi depois...
Não é?

Já na CASEB?

Maria Reis – Foi na CASEB. Foi a época da CASEB. Porque a Estela assumiu mesmo. Eu não sei se é porque a Estela ~~que~~ ⁴ estava fora e veio... Eu não sei. Não me lembro se ela assume aqui...

Hum-hum.

Maria Reis – ô, gente! Vão se servindo aí...

Certo. Fazer uma pausa...

Terceira Pessoa – Era diretora geral. E a ~~S~~stela tinha vindo de fora. Morava aqui, era radicada aqui, ~~mas fazia~~, já fazia muitos cursos naquela época. E o ensino de Brasília sofreu muita influência de um instituto – que até depois vale a pena vocês pesquisarem. Com uma delas, que fez, ia sempre uma turma, ^A cada semestre ia uma turma de Brasília, pra fazer esse curso em Belo Horizonte. Aí voltava...

É, isso a D. Elisia nos contou.

Terceira Pessoa - ...e revezava os turnos. Por exemplo: eu dava aula à tarde, de manhã eu ia ficar quatro horas com esse pessoal que vinha de Belo Horizonte que passava as unidades, né, pedagógicas.

Quarta pessoa – Qual era...

Terceira Pessoa – Pois é, isso é que eu tô... Porque eu não fui, eu fui transferida...

Não, eu tenho, eu tenho o nome dele. A D. Elisia se refere a ele.

Terceira Pessoa – ...e eu fiquei muito magoada porque eu não fui escolhida em época nenhuma. Naquela época já não era a época dele. Pra ir pra Belo Horizonte...

Maria Reis – Ô, Márcia! ô, Márcia! Quem pode informar...

Terceira Pessoa - Dina! A Dina foi!

Maria Reis – É, a Dina. Sabe quem pode informar: A Maria Melo.

Terceira Pessoa – Sim, mais um detalhe: a Maria Melo...

Maria Reis – A Maria Melo, me encontrava, eu perdi contato com Maria Melo. A gente tenta manter contato por bastante tempo, e agora já...

Terceira Pessoa – A D. Maria Melo... também...

Maria Reis – A Maria Melo...

Terceira Pessoa – ...Foi a primeira diretora...

Maria Reis - ...ela... Não porque Maria Melo foi secretária de educação, e à época, ela me convidou. Eu era professora...

Terceira Pessoa – Ela veio do Acre!

8

Maria Reis – É. Então ela foi secretária de educação e eu trabalhava com a Lídia na 107. Ela então me convidou pra eu fazer esse curso em Belo Horizonte. Eu com as crianças tudo pequenas! Então, eu pedi uma orientação pra mamãe, né? Que tinha tido esse convite, quê que ela achava. Aí ela achou melhor não aceitar: (risos) 'Tá bom, eu vou te deixar seu marido (risos), pai... e essa menina... não convém não! Eu acho que você... A escolha é sua, mas minha opinião é essa'. Então com isso eu não aceitei.

Terceira Pessoa – Quem também exerceu uma influência muito grande na parte pedagógica, no início foi Ivonilde Morrone...

Maria Reis – Sim.

Terceira Pessoa – ...que tem livros publicados. Inclusive o processo de alfabetização era todo orientado por ela...

Maria Reis – É. Eu peguei... Inclusive tem livro de...E ela mora por aqui.

Terceira Pessoa – Ivonilde? Não, pra mim era na 410 Sul.

Maria Reis – Não, é por aqui... A gente de vez em quando se encontra. Até fui fazer uma palestra, eu fui fazer uma palestra aqui numa igreja...

Terceira Pessoa – Ivonilde Morrone deve ter várias lembranças das histórias. Porque ela era...

Maria Reis - ...e me encontrei com ela.

Terceira Pessoa - ...da comunidade pedagógica na época.

Maria Reis – Ivonilde Morrone. Alfabetizadora. Era especialista em...

Quarta Pessoa - ...Juliana.

Maria Reis – é. Especialista em Alfabetização.

Eh...O quê que a Sra. diz de Anísio Teixeira e da influência dele nessa época?

Maria Reis – Ah, foi valiosa, né? Anísio Teixeira que você diz?

Hum-hum.

Maria Reis – Anísio Teixeira foi um grande animador, eu chamo de animador, né? Pro ensino, lutou muito. E eu acho que ele fez um trabalho muito bonito. Pena que a gente... Porque àquela época havia assim, uma luta muito grande de nós que éramos do primário com o ensino médio.

Terceira Pessoa – É, uma rivalidade enorme.

Maria Reis – Era, mais era uma batalha muito complicada, puxante, sabe? Então a gente não tinha muito acesso a uma porção de vantagens. Uma delas era essa (risos), sabe? Esses contatos assim maiores, sabe?

Terceira Pessoa – Agora vem cá! O...

Bom...

Maria Reis – ...agora a gente era afastada. Tinha que ser primeiro a turma do ensino médio, sabe? E nós do primário...

Terceira Pessoa – A gente era muito, mais era muito discriminado.

Maria Reis – Nós éramos discriminados. Demais. Muito.

Terceira Pessoa - ...a turma do CASEP.

Sei, mas isso já, isso já com a, com a tela montada, a CASEP, etc, né? Agora, por outro lado, eu entendo assim, eu vejo que o grupo de professores que esteve nessa fase inicial, né, até 60 e o grupo que chegou depois com o concurso nacional que foi feito. Eu vejo que de uma certa forma, o governo não apenas amparou, mas prestigiou os professores dessa época porque entendeu que o trabalho que eles fizeram nessa fase, era correspondente ao concurso nacional de professores. Tanto que eles se integraram depois a rede pública como professores concursados, né?

Maria Reis – é, foi, nessa parte...

Terceira Pessoa – Mas havia também uma certa discriminação do pessoal da Nova Cap. Tanto que se dizia, quando falava qualquer coisa pra pessoa, era: ‘Ah, é da Nova Cap!’

Ham-ham.

Terceira Pessoa – Mas não era porque era da Nova Cap. Havia diferença pelo fato de não ter, pelo pessoal não ter feito esse concurso.

Maria Reis – O concurso. Havia, então, achavam que a gente não tinha aquela competência...

Terceira pessoa – Exatamente.

Maria Reis – ...Pra exercer a função. A gente sentia isso, sabe. E a turma não era muito ligada. Havia uma separação: a turma... Até quando a gente fazia, tinha aquelas reuniões com Dona Helena Reis...

Terceira Pessoa – Da Escola Parque.

Maria Reis - ...né? Então ficava a turma do ensino médio dum lado, e do, do curso primário pra outro (risos), sabe? Não havia muita ligação, não.

Terceira Pessoa - A coitada aqui sofreu muito. Discriminação. Porque ela foi complementar a associação dos professores primários.

Maria Reis - É.

Terceira Pessoa - E era tratado, a gente era tratado assim, como a ralé, sabe? Psicológica e intelectual.

Maria Reis - Agora, sabe de uma pessoa também? A Amábile! Pena que a Amábile voltou pra terra dela, pra Itumbiara, né? Foi a primeira professora do Distrito Federal.

Mas aí...

Terceira Pessoa - Amábile.

...em escola privada, né? Na Escola Batista?

Maria Reis - Né não...

Não?

Maria Reis - Ela que foi a primeira professora primária... como é que é, do governo.

Do governo?

Maria Reis - é, foi. Da Nova Cap. Da escola pública, sabe? Natividade fez tão pouco café! Natividade!!!

Terceira Pessoa - Não! Não, tem bastante aqui.

(risos)

Maria Reis - Tô vendo que tá tão leve...

Quarta Pessoa - Não, aqui tem bastante.

Maria Reis - Natividade!

Quarta Pessoa - Aí foi a Amábile...

Maria Reis - Então a Amábile é que vai, a Amábile ela ficou muito chateada e com muita razão, sabe? Porque aquele início de Brasília foi muito gostoso porque não tinha problemas políticos. Não havia interferência política. E isso foi muito gostoso. Mas depois com... a Amábile sofreu muito porque ela como a primeira professora no Distrito Federal, ela é, depois, foi pra Fundação Educacional, ela foi diretora, foi pra Fundação Educacional,

tempo que tinha uma porção de supervisores, muito competente... Mas com a ida da Eurídes Brito pra Secretaria de Educação, aí que começou essa política no ensino do Distrito Federal. Começou com a chegada da professora Eurídes na Secretaria de Educação. Ela então colocou, essa época eu era secretária do departamento de pedagogia, lá na Fundação Educacional e foi a Clélia Capanema é que era a diretora pedagógica. A Clélia foi convidada pra fazer um curso nos Estados Unidos, fazer doutorado e foi pra lá e foi Estela é que veio ficar no lugar dela. Essa época que Eurídes me indicou. Então começou a aparecer a política no ensino. Então com isso foi uma coisa muito ruim porque a Amábile foi chamada pra colocar o seu cargo à disposição. Precisavam, dizer a época, eu não me lembro mais, como é que chama... Como é que chamava?

ET

Maria Reis – ET, é. Então ela foi convidada pra entregar o termo...

E essa época ela estava como...

Maria Reis –...Ela tinha muito, heim? Ela era assessora. E aquilo ficou muito ruim, sabe? É. Foi então uma política muito suja e eu fiquei muito chateada com aquilo.

Terceira Pessoa – Porque na realidade, na realidade não existia essa política de emprego, mais é essa politicagem que existe hoje, que um político partidário faz orientação, político de Brasília. Mas existia uma fortíssima política comandada por Estela do esquema... Ela detinha o poder, então ela designava quem ela queria, ela tinha o grupo...

Maria Reis – Ela tinha aquele grupo, de Planaltina, aquelas amigas, então ficava tudo do jeito que ela queria...

Terceira Pessoa – Depois que convivi, que fui ter noção que eu tinha uma ela tinha outra... Era muito competido. Aí depois é que veio o grupo Estelaris, depois veio Helena Reis e aí é que o negócio ferveu! Quer dizer, era uma politicagem que você pode imaginar os efeitos nefastos dessa política, que os professores que tinham um certo brilhantismo eram preteridos em favor do grupo. No caso dela, ela teve seu grupo, o seu apogeu. O seu grupo no seu apogeu. Isso é bom que fique...

Maria Reis – Bastiana, a Helena Reis foi antes da Elenice?

Terceira Pessoa – Ah, foi! Foi bem antes.

Maria Reis – Bem antes, né?

Terceira Pessoa – Bem antes, bem antes.

A Dona Helena já pegou a fase da Fundação constituída, né?

Terceira Pessoa – A D. Helena foi em 63.

Maria Reis – É. Helena Reis, à época, inclusive foi aquela época, Maria Melo é que vai informar muito e a Lídia (Tigrè) também, que foram assim grandes...

Terceira Pessoa – D. Maria Melo era prestigiadíssima!

Maria Reis – Era, demais.

Terceira Pessoa – Era a segunda pessoa...

Maria Reis – É, Helena Reis.

Qual o papel da D. Helena nesse, nesse contexto?

Maria Reis – Ai, ela é que coordenava todo o time, sabe?

Terceira Pessoa – E houve a oficialização de coordenador, pro cargo de coordenadora.

Maria Reis – É.

Já com a Fundação constituída?

Terceira Pessoa – Esse inclusive deu prefeito na época que já não era mais o Paulo de Tarso. Mas ela já foi nomeada, já foi um cargo político ali.

Maria Reis – Foi.

Terceira Pessoa – Foi um cargo com nomeação do prefeito do Distrito Federal.

Maria Reis – É.

Terceira Pessoa – Ela não era militante e houve uma certa revolta porque ela não tinha militância profissional em Brasília, ela foi importada de Minas Gerais, pra cá. E ela parece que andava com aquele Humberto Moscoi lá pra Belo Horizonte, aquelas bandas de lá e ela foi importada, né?

Bom, a gente pode entender, pelo que eu to depreendendo, né, tem algumas falhas aí. A gente pode entender que a época anterior à inauguração de Brasília, a área de educação não sofreu essa influência política que depois se constituiu com a inauguração da cidade?

Maria Reis – Não.

Quer dizer que as pessoas, então, eram escolhidas por critérios estritamente pedagógicos, de trabalho, pela necessidade, pela competência...

Maria Reis – É, é.

Sem interferência política?

Maria Reis – Sem interferência política. Eu senti a interferência política com a chegada da professora Eurides, como secretária de educação. E a professora Estela então ficou no departamento de pedagogia. Aí eu até fui secretária dela, aí eu me aposentei. Essa época começou...

Sei, sei.

Terceira Pessoa – ...Só era nomeado pra ser diretor de escola...

Maria Reis –...a chamar o pessoal, sabe?

Terceira Pessoa - ...se passasse pelo crivo da D. Helena Reis. Não tinha nenhum critério pra ser diretora de escola porque isso aí era da copa política.

Quarta Pessoa – Mais era...

Terceira Pessoa – Entre ela, a Maria Melo...

Maria Reis – Doutor Ernesto Nunes falou, que no início da década, ainda na década de 50, finais da década de 50, a primeira diretora foi escolhida entre os professores. Você se lembra disso, Márcia?

Quarta Pessoa – Não, sabe por quê? Eu ficava muito isolada, sabe? Então muita coisa eu não participava.

É porque ela já chegou...

Maria Reis – Porque era muito distante. Porque tinha aquele grupinho, que morava mais pra cá, né? E eu era na tenda da base aérea, então era muito distante...

E ela já chegou depois também, em 59 e esse fato foi em 56...

Maria Reis – É. Eu cheguei, é porque, porque aí foi, a Amábile veio em 57, né? Começou em 57, a primeira, né? E então não eram todas as reuniões que eu participava. Além disso, eu tinha muito trabalho, sabe? Muita coisa, aí muitas vezes eu não participei dessas reuniões.

Certo...Assim, em termos da formação e da valorização do professor, do profissional professor, que tipo de apoio a Sra. tinha da Nova Cap para o seu trabalho, além desse que a Sra. disse que contratava uma aluna pra limpeza? Eu digo assim, em termos de transporte, de moradia, de salário, o quê que existia nessa época em relação à valorização do professor?

Maria Reis – O contrato, não, o salário, o salário era igual pra todos. Me parece que o salário do pessoal do médio era superior ao nosso? Eu não me lembro.

Terceira Pessoa – Não, não, quando você era professora na Nova Cap o salário era sete mil...

Maria Reis – Era sete mil.

Terceira Pessoa – ...cruzeiros, sete mil contos de réis. Quando os professores vieram contratados em 1960, vieram com o salário de 25, o professor primário e 28 o professor do ensino médio. Aí, quando o pessoal da Nova Cap foi é que pararam, o pessoal da fazenda.

Maria Reis – Aí automaticamente, nos da Nova Cap passamos também a receber... Era igual, sabe?

Sei.

Maria Reis – O pensamento era igual. Não havia isso de...

Em termos de moradia, transporte, o quê existia?

Maria Reis – Olha, não. Em termos de transporte, não. Transporte a gente não tinha e a sorte é que tinha a Dona Santa e ela sabia das minhas dificuldades e o Otarcílio tinha, transporte lá do serviço dele, mas ele tinha as obrigações dele, não podia ficar à minha disposição. Então Dona Santa, é que, tinha uma vez na semana, D. Santa mandava o jipe pra saber se eu precisava de alguma coisa...

Hum-hum.

Maria Reis – Então eu tive muita assistência nesse sentido. Agora com relação à moradia, D. Santa um dia mandou o jipe me buscar, lá em casa. Que eu fosse na casa dela que ela precisava falar comigo. E eu fui, lá chegando ela perguntou pra mim, eu me lembro até hoje: 'Maria, você quer um apartamento?' Eu, vinda do interior, nunca tinha feito negócio (risos) Era filha caçula, sabe, de uma família muito grande! Os outros é que resolviam as coisas pra mim... E D. Santa perguntou: 'Você quer um apartamento?' Eu disse: 'Mas como?' 'Não, é porque agora vai sair apartamento pros professores e eu quero saber se você deseja um, porque se quiser, a Carmélia vai fazer o requerimento pra você (risos), sabe? Eu falei: 'D. Santa eu não sei, então fica a critério da Sra., a Sra. é que sabe (risos) se convém ou não eu aceitar!

(risos)

Terceira Pessoa – Mas ela foi...

Maria Reis – A Santa foi colega da minha irmã mais velha. Elas estudaram no Colégio Santa Clara, em Goiás, sabe? Eram muito amigas. Então foi D. Santa é que decidiu pra mim. 'Não, então é eu é que vou decidir: você quer esse apartamento.'

Terceira Pessoa – Agora já foi em 60, né Maria?

Maria Reis – É, foi.

Terceira Pessoa – Depois que Carmélia, foi quando o MEC começou.

Maria Reis – Foi logo em, isso foi logo na, em 60. Aí foi feito, e o quê que acontece: Ela pega e, aí ficou, sabe? Aí como garantia chega lá o jipe outra vez me buscar, que era pra eu ir lá receber a chave. E eu falei: 'E agora? Eu vou receber a chave do apartamento, eu moro no acampamento, como é que faz? E aí tinha uma professora, a Hilda Cretas que eu cito ela aí, que foi depois trabalhar comigo. A Hilda tava morando, parece que de favor junto com alguém aqui, sabe? Num apartamento muito apertado, e ela trabalhando comigo eu falei: 'Hilda, eu recebi esse apartamento e eu não vou me mudar agora porque eu tenho a minha casa aqui no acampamento. Aí se você quiser, eu te arrumo, você vai morando lá. Ela falou: 'Mas, e paga quanto?' Eu disse: 'Não, enquanto não me cobrarem você também não vai pagar nada, né?' E assim, entreguei a chave pra ela e ela ficou morando ali na 414.

Terceira Pessoa – É, mas aí já foi depois de 61.

Maria Reis – Não, foi em 60.

Terceira Pessoa – Não, porque em 60, quando a gente veio, era com a promessa, da carta, era de cada um receber um apartamento. A gente veio, passou ainda o ano de 60, todos, quatro professores em cada JK. Duas na sala e duas no quarto. O ano de 60 foi isso. Quando foi no fim do ano, aquela Edna, mulher do Elísio, que hoje é... ✓

Maria Reis – Me lembro. *nós nos inscrevemos*

Terceira Pessoa - *A* Edna foi nomeada pelo MEC, *pra* fazer essa distribuição de apartamentos. Então a gente se inscreveu. Esse tempo que eu achava, como eu era sozinha, eu achava que não vinha ninguém da minha família, escolhi um JK na 412 quando poderia ter escolhido na 403 apartamentos de três quartos. Mas nós fomos muito maltratadas pelo governo na época em termos de residência. Pra se conseguir uma residência foi preciso haver aquela invasão, aqui da, aquela invasão que a associação dos professores fez, aqui na... 708...

Maria Reis – Lá também houve invasão, no apartamento...

Terceira Pessoa – E lá em baixo, na 408. Mas o governo não nos deu. O governo deu apartamentos de primeira na 106, 304, *pra* motoristas da Câmara, mas pra nós, professores, não foi reservado nada. *Tinha* esses dois blocos, 13 e 12, do JK, na 412. Então ficaram os professores do ensino médio no bloco 12 e os do primário no 13, quatro em *um*. Depois foi que os professores vieram, invadiram aqui, aí o governo civil na *época*, teve que, *na* contingência evitar *os* edifícios da 403. Aí foi quando *você* se inscreveu...

Maria Reis – Não, mas eu recebi antes; eu não sei, *mas* eu acho que foi a primeira leva. *E* eu recebi. Porque foi em 60. Aí *a* Marta, *pra*, *pra* Hilda Cretas ficou morando lá. Quando foi em 61, é que eu vim pra cá, *por* que aí eu fui assumir, eu fui pra 107, logo na inauguração, *sim,*

sabe? Quando foi inaugurada a escola, eu fui convidada ^a pra ir ^a pra lá trabalhar com o David, né? Ai eu já estava...
uad e'?

Terceira Pessoa – Pela ~~tal~~ situação ~~de~~... Pelo tempo de serviço, né? *as e'?*

Maria Reis – Pelo tempo de serviço, é. Ai eu já estava no apartamento, ~~sabe~~? E a Hilda já tinha conseguido também...

Terceira Pessoa – É, foi esse apartamento. ^{Eu} 61 é que ~~a~~ gente ^{nos} entrou no apartamento. *eu trauro*

Maria Reis – ~~Até~~ ^{até} Hilda ^{até} ficou muito agradecida porque aí, depois, muito tempo depois, começaram a cobrar da gente. Até então não pagava nada, ~~não~~ ^{eu} Hilda ficou muito satisfeita, e a mãe dela, ^{coisa} me ^{arrumou} uma empregada, mas fora de sério, sabe? É, mineira, veio aqui, trabalhou comigo 18 anos, foi quem acabou de criar meus filhos pra mim, que eu ficava trabalhando o dia todo, ~~não~~ ^{eu} A Evanda, ~~que~~ eu mantenho contato com ela até hoje também, sabe? Uma pessoa assim que eu tratei como minha filha.

Terceira Pessoa – Nós ganhávamos ²⁵ e pagávamos três e quinhentos pelo aluguel desse apartamento. Três e quinhentos era o aluguel na época. *junto e cinco*

Maria Reis – É. (risos)

Bom, essa escola que a senhora, em que a senhora lecionou, da CAENGE, né?

Maria Reis – COENGE.

COENGE... era um acampamento de construção. A ^{senhora} Srta. tem idéia de quantos outros acampamentos, mais ou menos, existiam à época, também com escolas construídas?

Maria Reis – Ah, tinha muitas. Isso aí meu marido... ^{de} Deixa eu ver se ele tá aqui, esses detalhes ele lembra, sabe? ^{que} ~~Inclusive~~ quando ele trabalhava no escritório, tinha contato com o engenheiros, com o pessoal todo... Dá licença que eu vou ver se ele tá aqui. *is*

Não, mas, isso depois a gente vê, não tem problema!

Maria Reis – É? É porque esses detalhes eu não sei, viu?

Essas informações a gente pega depois, pra eu não perder a senhora, aqui, agora! (risos)

Maria Reis – Mas tinha vários acampamentos, sabe?

Sei, sei.

Maria Reis – Vários acampamentos.

Que eram escolas provisórias que foram depois... destruídas com a destruição dos acampamentos, e aqui se ocuparam as escolas oficiais, né? ^{extinção} e'?
ergueram

E'
Maria Reis – Mentira, que foram construídas as escolas, aí os professores iam sendo transferidos. ~~Que~~ foi o meu caso.

Sei, hum-hum.

Maria Reis - Aí eu fui transferida pra 107 e então doaram a escola pra o Instituto Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Aí começou a escolinha lá. E lá deve ter esse histórico, essa história também desse comezinho, sabe? Inclusive até a igreja também foi construída em madeira. Aí me ofereceram, ~~pro~~ ^{para} os meus, ~~pra~~ estudar lá, os dois mais velhos. Eles começaram estudando lá, sabe? ~~para os meus~~

Quer dizer que...

Maria Reis - Era a Kombi do colégio que pegava meus filhos.

Pelo que eu entendo, essa escola, então, ainda existe?

Maria Reis – Essa escola? Não. Não, ~~que~~ depois ela foi substituída. Acabou a escolinha de madeira e foi construída...

Ah, tá! No local então...

Maria Reis – No mesmo local. No Instituto Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Lá no Lago Sul. Começou com essa escolinha de madeira, ~~sabe?~~

Sei.

Terceira Pessoa – Tinha umas Kombis bonitas, também. ~~pra~~ nos levar aos acampamentos. Que era todo mundo! Tinha acampamento que era... e aí era um grupo: 26, 28. O resto era acampamento. Então tinha a Kombi novinha, que levava todo mundo lá.

Maria Reis – É, passava lá pegando todos os professores.

Terceira Pessoa – Levava e recolhia... Nos acampamentos, nos vários acampamentos. Aí, em setembro, inaugurou a 106. Depois inaugurou a 107 e assim por diante.

As primeiras escolas que foram construídas, que são as que permanecem até hoje no Plano, assim, a estratégia de construção em determinados lugares, ela se deveu a quê? A ocupação das quadras, que agora já estavam construídas?

Maria Reis – Havia um planejamento, parece que cada quadra teria que ter uma Escola - Classe. E cada quatro quadras, uma Escola Parque. E depois acabou em nada.

Terceira Pessoa – Era plano do Anísio Teixeira.

Maria Reis – Era, um plano de Anísio Teixeira, né? Então nisso, acabava... Essa orientação, eu acho que o CRS é que te daria uma informação mais precisa.

Certo, tá ótimo. Nesse caso, a senhora passou da escola do acampamento para a 107.

Maria Reis – Lá eu trabalhei até 68, quando eu fui pra sede, lá na Fundação Educacional, trabalhar no departamento de Pedagogia.

Esse primeiro ano na escola da 107, a direção da escola era a professora...?

Maria Reis – Lídia Antibes...

Lídia. E a escolha da diretora, a Senhora sabe qual o critério que foi adotado pra isso?

Maria Reis – Não. A gente não...

Terceira Pessoa – Era aquilo que eu falei. Era com indicação da dona Estela e da Dona Maria Helena Reis.

Já era com a indicação dos grupos que coordenavam.

Maria Reis – A Helena Reis, né?

Mas não tinha nenhum processo um pouco mais aberto, mais democrático, que caracterizasse essa escolha não, né?

Maria Reis – Não. Depois é que houve. Inclusive eu, uma ocasião, eu fui convidada, sabe? Mas eu não aceitei. Em uma ocasião, eu fui convidada, quando estava na 107, eu fui convidada pra ficar lá, pra ver se eu pegava a direção da escola. Eu falei: 'Não, eu vou ser professora. Ser responsável pelos meus atos, pelos atos dos outros, eu não vou, não! Muito complicado, e eu sou muito chata! (risos)

Lá na fase da construtora, a Sra. trabalhava com uma sala de aula multiseriada, né?

Maria Reis – É. Era uma sala de aula bem ampla.

Com alfabetização na parte da tarde e as outras turmas pela manhã.

Maria Reis – Parece que a sala era do tamanho dessa área aqui, não era? Era bem grande.

Quantos alunos na turma, mais ou menos?

Maria Reis – Era oitenta e três, à época.

O total?

Maria Reis – Ao todo. O total. Distribuídos nas quatro primeiras séries, sendo que a turma de primeira série era maior. Mas foi o período mais gostoso, ali. Nós preparamos as crianças pra primeira comunhão, fizemos a festa de São João. Lembra? A festa de São João

que foi linda, sabe? Foi muito bonitinha a Festa de São João. No aniversário de Juscelino Kubitschek foi condução nos buscar, nós viemos pra... Você estava comigo esta época?

Terceira Pessoa – Não.

Maria Reis – Então foi a Hilda Cretas.

Terceira Pessoa – Foi em 59, esse ano ¹⁹ eu não ^{havia} tinha chegado ainda.

Maria Reis – ¹⁹ Ah, é. Foi em 59. Foi a Hilda.

Por falar em Juscelino, a presença dele ^{no} entre o cotidiano da cidade, antes da inauguração, era sentida?

Maria Reis – ~~Ø~~ ele era assim, bem acessível, sabe?

Sei.

Maria Reis – Então, ^{havia sempre} tinha contato sempre com ele. Agora, eu mesma, foi assim um descuido meu. Porque Juscelino, inclusive, foi colega de moradia, quando Juscelino foi pra Belo Horizonte, ^{a pensão} pra fazer medicina, ele foi colega, na mesma pensão de um tio meu, de um primo. Então eles eram muito amigos. Tanto que, na inauguração, meu primo veio pra inauguração e então falava: 'Ganha tão pouco! Peraí que eu vou escrever uma carta aqui pro Juscelino, leva lá pra ele', sabe? (risos) ^{Espera.}

para o
(risos)

Maria Reis – Mas eu nunca entreguei essa carta, rasguei, joguei fora, que eu não vou ficar pedindo favores, eu vou ficar... Eu não sou muito de ficar pedindo favor, não, sabe? Mas, não, ele passava aqui, não tinha protocolo. Porque hoje, até pra falar, com qualquer pessoa ai...

Pedir audiência, né?'

Maria Reis – Secretário, administrador...

(risos)

Terceira Pessoa – Nessas repartições, que são de oficiais, né?'

Maria Reis – É.

Terceira Pessoa – E ele deu ordem pra que todos os ônibus parassem onde vissem professores.

Hum-hum.

Terceira Pessoa – Onde visse uma professora, eles ^{que paravam} paravam e dessem carona. ^{Dessem} Dava carona. Era a condução. A condução do momento era carona.

Maria Reis – Era a condução. Não tinha esse problema. Como, por exemplo, você como chefe de gabinete, a gente não tinha nada que marcar audiência, a gente chegava lá e falava com ela, sabe? (risos) Hoje, você não consegue falar, ainda bem que eu não mexo com esse povo mais, já larguei de mão! (risos)

Zulmira, alguma questão que você gostaria de lembrar? Márcia?

Terceira Pessoa – Já me envolvi, vou me ^{reservar} reprovar pra mim!

(risos) Professora, alguma ^{história} história, alguma curiosidade, algum registro a mais que a senhora gostaria de fazer?

Maria Reis – Não, não tenho além...

Algum fato curioso? (risos)

Maria Reis – Não, porque os fatos curiosos eu já registrei.

Estão registradas. Tá.

Maria Reis – É, eu registrei aí. Porque à medida que a gente vai lembrando, aí eu registrei aí.

Ham-ham.

Maria Reis – Agora uma coisa que poderia haver lá ver grupo, Júlia Kubitschek, é se ainda existe aquele arquivo.

O problema é que não existe mais a escola, né?

Maria Reis – Mas então esse arquivo foi transferido, será pra onde?

É. Pela legislação ele deve estar na Secretaria...

Maria Reis – Porque lá que deve ter, porque todas essas escolas...

...no departamento de inspeção de ensino. Mas como são registros muito antigos, eu não sei se a gente encontraria lá. A gente não conseguiu olhar ainda...

Quarta Pessoa – Olha... Jamime... pode saber onde tá...

Maria Reis – É, porque aí seria de todas as escolas da época, né?

Hum-hum

Quarta Pessoa – Inclusive, a escolinha Júlia Kubitschek, a planta, mesmo ela sendo de madeira foi do Oscar Niemeyer.

Foi. Foi projeto do Niemeyer.

Terceira Pessoa – Um detalhe: como foi pela seqüência sempre, os concursados foram distribuídos por essas escolas da periferia, mediante a, olhado o critério de notas do concurso. Porque o pessoal que foi pro Júlia Kubitschek, era a melhor escola do momento. Então pra lá foram as primeiras. Foram as primeiras classificadas, depois, através das notas iam sendo locados, nas escolas da periferia. Eu, por exemplo, fiquei nessa CCBE, não foi nenhuma nota brilhante, por isso que eu fui pra lá, por que se não eu teria ido, se minha nota tivesse sido brilhante eu teria emprego, normal, eu teria ido pro Júlia Kubitschek, porque foi distribuído, as escolas foram distribuídas mediante a aprovação no concurso de 60. Porque aí houve toda uma, reaproveitamento, porque aí veio o pessoal da Nova Cap com o pessoal e a gente foi distribuído nas escolas. Quando cheguei fui de Maria, que só tinha Maria lá e eu peguei...Não entendi, não entendi...

Maria Reis – Você tava só encarregada, né? Ainda bem, porque tinha uma escola no Canegai...

Terceira Pessoa – Tinha umas professoras que foram pro Canegai, tinha vários acampamentos...

Quarta Pessoa – Canegai...

Terceira Pessoa – Canegai era um acampamento de japonês que fica bem distante daqui. Tem até uma professora, eu acho que ela até tá viva. Se nós estamos, por que ela não, né? Aqui, ela mora aqui na W3, Mirinha. Elmira Hermano, lembra?

Maria Reis – Eu me lembro da Mirinha...

Terceira Pessoa – Ela mora aqui. Pois então, Elmira Hermano, foi professora no Canegai.

Maria Reis – Porque a Mirinha mora aqui, ó, sem ser esse bloco aqui, no outro bloco. Agora só que ela arrumou um digníssimo marido, agora e não passa mais aqui. Ela vinha aqui muito. (risos)

Terceira Pessoa – É boa dela. Eu quero dar o endereço dela.

(risos)

Maria Reis – Ela tem uma bela casa aqui nesse outro bloco, sabe? Mas aí a gente não vê ninguém, não vê, tá sempre viajando!

Terceira Pessoa – Eu sei que era o, o Júlia Kubitschek era a elite dos professores. Depois, quando construíram as escolas, o primeiro pessoal a escolher foi o pessoal do Júlia Kubitschek. E aí nós íamos preenchendo as outras escolas.

É. Uma...

Terceira Pessoa – Elmira Hermano.

É. Eu queria...

Terceira Pessoa – Elmira, Hermano.

Eu queria uma última pergunta, se a Senhora lembra o nome de pessoas que a gente poderia contatar. Dessa fase, até 59.

Maria Reis – Sim. Sim. Aí no caso, aí no caso, por exemplo: Dr. Ernesto...

Sim. A gente já conversou com ele.

Maria Reis – Santa Alves ^{10/6}Souza, eh...deixa eu ver...

Quarta Pessoa - Olinda lobo.

Maria Reis – Olinda Lobo. Tem a...

Quarta Pessoa – Essa Elmira Hermano.

Terceira Pessoa – Não, a Elmira Hermano já foi de 60.

Maria Reis – Não, essa já é de 60. Essa não. A Amábile, que aí a gente teria que ver, ela... Agora, a Edna, a Edna deve saber muito, como ela sempre trabalhou em arquivo, essa coisa, então ela deve ter muita coisa mesmo.

Quarta Pessoa – Professora Edna.

Maria Reis – É, Edna.

Quarta Pessoa – Você tem o telefone dela?

Maria Reis – Tenho, eu tenho o telefone. Eu posso até dar.

Terceira Pessoa - Deve ter de burocracia.

Maria Reis – É, a parte burocrática.

Terceira Pessoa – Deve ter, ela deve ter muita coisa...

Maria Reis – Eu inclusive me aponto sempre, contrariada. Porque ainda desejo sempre, vou morrer de trabalhar, sabe? Mas com aquela política suja, sabe? O pessoal tomando cargo... Eu fiquei chateada, sabe? O que fizeram com a Amábile. Então o quê que eu fiz? Eu já tinha direito à licença prêmio, já tinha 31 anos de trabalho, como professora. Então eu

tirei as minhas férias, e fui pra Goiânia, aí eu ficava me opondo em me aposentar. Aí eu fui lá no Buriti, e pedi pra ele o quê que precisava, sabe? Aí me deram uma relação de documentação. Juntei a papelada, como eu sempre gostei de juntar papel, juntei minha papelada, tudo, sabe? Fui lá, eles montaram o processo pra mim na hora e eu assinei lá, responsável pelo, pegar o processo e saí com ele em mãos, sabe?

(risos) A senhora foi se aposentando!

Maria Reis – Com três dias me telefonaram, lá do palácio, que o governador acabava de assinar, a minha aposentadoria. (risos)

Em que ano?

Maria Reis – Isso foi em 80. Outubro de 80. Então, eu me aposentei. Aí eu fechei essa conta, sem ninguém lá no DGT, ninguém sabia, onde eu trabalhava. Pra eles eu tava viajando, tava pra Goiânia, tava de férias. Aí, eu pensei assim: ‘Eu quero que eles tomem conhecimento da minha aposentadoria através do Diário Oficial’. Depois eu pensei: ‘Gente, eu tive uma vida sempre muita limpa, vida profissional. Eu não vou fazer sujeira de última hora, né?’ Aí me aprontei, pedi um táxi, fui lá na fundação educacional. A Imoé levou um susto! Aí eu cheguei, tava ela, Estela, tava a Eva. E eu: ‘Eu vim comunicar que eu estou aposentada.’ ‘Mas aposentada como? O processo, você é funcionária aqui, o processo deveria sair daqui.’ Eu falei: ‘Deveria não! Antes de existir Fundação Educacional eu já mexia com processo. Então eu aprendi muito a me informar com processo, tramitação e eu providenciei tudo, e então eu resolvi vir cá comunicar porque na hora que chegar Diário Oficial vocês não se assustarem com a minha aposentadoria.’ Aí disseram que ia fazer uma festa de despedida pra mim. A Estela quis fazer. Aí eu não aceitei. Eu falei: ‘Não, um funcionário deve ser homenageado pelo ofício. Agora porque sai, vão fazer festa?’ Lá era assim, todo mundo saía, a Amábile mesmo, eu que tive que providenciar a festa de saída da Amábile. Contrariada porque não concordava com aquilo, né? Agora assim: convida a pessoa pra sair depois faz a festa de despedida, não é? Aí eu não aceitei, pra mim não vão fazer. Então fizeram contato com a Dirce pra fazer a festa que eu tô aqui com a Maria com documento, vocês entram pela frente pra fazer que ela não corra... (risos) Eu sou meio rebelde demais, sabe? Isso eu herdei do meu pai: eu sou muito franca, sabe? Muito positiva nas minhas ações, entendeu? (risos)

Quarta Pessoa – Didática não é o seu encanto.

Terceira Pessoa – Agora...

Quarta Pessoa – Este não é o seu encanto.

Maria Reis – Olha, eu sou assim demais, sabe? Tanto que quebrei, teve um ano que eu quebrei essa mão. Essa mão, lá em Goiânia. Dançando, virei o pé, caí por cima da mão. Isso num sábado. Aí queriam me levar pro hospital, levar pro hospital que nada, enrolaram minha mão, rasgaram lá o forro da mesa, enrolaram. Aí levamos bem umas duas horas com o Tarcílio, né? Aí passou domingo, quando foi domingo à noite começou a inchar tudo, a ficar roxo. Aí, me levaram pro hospital. Chega lá, faz radiografia: ‘Ihh, quebrou tudo, a

mão tá todinha quebrada!’ Senti dor hora nenhuma, nada, sabe? Daqui a pouco tá tudo quebrado. Aí, ‘tem que fazer operação’. Eu falei: ‘Eu não. Tô com fome, eu vou lá pra casa. Eu vou comer e vocês me operam amanhã.’ (risos) Aí o médico concordou. ‘Então a Sra. vai, mas você...’ Aí deu um espaço de tempo, que eu não podia comer. Aí, quando foi na segunda feira eu fui pra fazer cirurgia. Era uma equipe de especialistas em quebração de mão. Aí o pessoal... ‘Agora tem uma coisa: Eu sou fumante. Quando acabar minha cirurgia, faz o favor de me servir um cigarro’. ‘Não, não pode.’ Falei: ‘Ih, que, não pode, que nada! Eu vou fumar. (risos) Não tem desse negócio, não!’ Brigando com as mulheres o tempo todo! Aí fez a cirurgia e o médico falou: ‘Agora a Sra. vai treinar a esquerda porque durante muitos anos a Sra. não vai usar a direita. Não tem como. Agora, amassar biscoito é nunca mais. Amassar biscoito, pão, nunca mais a Sra. vai usar’. Eu falei: ‘O Senhor que pensa! Porque a cabeça é que manda no corpo...’

(risos)

Maria Reis – ...E essa cabeça funciona muito bem e eu vou provar ao Sr. que essa mão vai funcionar rápido. Com quatro meses eu já estava boa. Não falo boa, porque não foi a minha cabeça não, foi Nossa Senhora, tá sempre comigo. E com oito meses, eu amassei um pão, e levei pra ele! (risos)

(risos)

Maria Reis – ‘Essa mão que nunca mais ia amassar!’ (risos) É um negócio impressionante!

Tá ok!

Maria Reis – Mas a gente tem que ser firme, né?

Quarta Pessoa – Com certeza!

Maria Reis – Que com fé...

Terceira Pessoa – Lembra, lembra, Maria, alguns professores, do ensino médio que vieram, do ensino médio, que depois foram aproveitados. Por exemplo, a Ana Clélia Capamema, quantificou eternamente, no ensino primário. A autoridade máxima pra mim, ela que mantinha...

Maria Reis – Quando dependente de continuidade...

Terceira Pessoa – Quando tava havendo uma coisa mais desagradável, ela chamava a atenção firmando a possibilidade de você ser responsável por uma escola. Já diminuía sensivelmente. Uma politicazinha bem empregada. Ela quantificou. E uma, Conceição de Freitas, a ilustre colega, ilustre conterrânea da...

Maria Reis – Olha, de vez em quando eu me encontro com, aí alguns que me conhece, vem conversa, mas odeio lembrar nomes, sabe? Nomes eu não guardei não, sabe? Eu passo cada

vergonha... De vez em quando eu encontro com professores dessa época. Tanto do primário como do ensino médio.

Quarta Pessoa – Maria, depois eu gostaria que vocês me dessem o telefone da professora Amábile e da professora Edna.

Maria Reis – Não, da Amabile... A Edna pode ser que tenha o telefone da Amábile, que toda vida elas foram muito, e a Lita também.

Quarta Pessoa – Ah, da Lita.

Maria Reis – É. Eu tenho da Lita e da Edna.

Quarta Pessoa – A Lita.

Maria Reis – Eu tenho da Lita e tenho da Edna. Mas a Amábile, depois que ela se foi, eu perdi o contato com ela.

Terceira Pessoa – Ela tá usando uma bengala, Maria Lita.

Maria Reis – Quem?

Terceira Pessoa – A Lita usa uma bengala.

Maria Reis – A Lita?

Terceira Pessoa – É. Eu já encontrei, várias vezes eu a encontrei.

Quarta Pessoa – Essas três...

Essa que usa uma bengala já falei com ela.

Maria Reis – Ela me telefona de vez em quando.

Terceira Pessoa – Ela parece que teve algum problema de saúde.

Quarta Pessoa – Essas três são da década de 50, né?

Maria Reis – A Amábile, sim.

A Amábile é a primeira.

Maria Reis – A Lita veio em 60.

Quarta Pessoa – A Lita, e a Edna?

Maria Reis – Em 60 e a Edna também parece que foi depois, não foi?

Terceira Pessoa – Não sei, porque parece que quando eu cheguei eu já encontrei a Edna aqui.

Maria Reis – Mas eu sei que a Edna sempre trabalhou nessa parte de escrituração, né? Aqui, essa coisa toda era sempre com a Edna. Mas eu tenho telefone da Lídia e tenho da Edna. A Amábile eu perdi o contato. A gente sempre tinha muito contato.

Quarta Pessoa - Mas a gente procura...

Procura.”

(fim)